

OPINIÃO DO DIÁRIO

Dois estudos feitos a partir de dados do IBGE chegam a conclusão idêntica: entre 2002 e 2008, nas seis principais regiões metropolitanas do país, a pobreza encolheu e a classe média cresceu. Mas a Fundação Getúlio Vargas (FGV) e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), do governo, têm visões diferentes. O Ipea, que tem defendido o assistencialismo e o intervencionismo estatal, prefere destacar o salário-mínimo e o Bolsa Família.

Assim, colocando-se na balança as análises do Ipea e da FGV, que concede mais peso à recuperação do emprego por causa da expansão econômica, conclui-se que o entendimento da FGV é mais completo. É irrefutável que sem o crescimento econômico com inflação sob controle nada disso teria acontecido. Daí o acerto do BC ao atacar o atual surto inflacionário com elevação dos juros. Detectada nas regiões metropolitanas, a ascensão de uma nova classe média, estimada em 19,2 milhões de pessoas, tem, ainda, implicações político-eleitorais.

É desejo da classe média ascender mais, num ambiente de tranqüilidade social. O seu voto tende, então, a ser conservador. Sociedades com classes médias robustas ostentam mais estabilidade política. Considerando que uma aliança em que há partidos de esquerda completará oito anos de poder sem cair em tentações desestabilizadoras, o país pode sepultar de vez o salvacionismo e o golpismo como projetos de poder.

As pesquisas são mais um forte argumento a favor da melhoria da educação. Porque, para continuar a crescer, a economia necessitará de mão-de-obra mais bem formada. É a educação um instrumento-chave para melhorar a distribuição de renda no país. E não os programas assistencialistas.